

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

## RESENHA

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. *A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

Lívia Silva de Souza <sup>1</sup>  
Myrtes Dias da Cunha<sup>2</sup>

O livro de Moysés constitui-se em uma contribuição inegável para o campo da educação. A autora se expressa em uma linguagem solta e opera com instrumentos conceituais precisos, seduzindo o leitor em todos os aspectos.

Trabalhando com setenta e cinco crianças que não aprendem na escola, Moysés reconstrói a história das formas de vigiar e castigar essas crianças, ao longo dos dois últimos séculos, e afirma que, de confinadas a controladas, as crianças continuam sendo institucionalizadas, tornadas incapazes de aprender incorporam o fracasso e uma doença que não existe, mas que lhes foi imputada.

O trabalho de Moysés originou-se das seguintes questões: quais as conseqüências para a criança de ser responsabilizada por não aprender na escola? Como reage a criança de quem se diz não aprender na escola por ser doente? Após uma aproximação inicial da pesquisadora com as crianças, surgiram outros questionamentos: quais os motivos pelos quais se pode determinar a não aprendizagem dessas crianças? Quais as causas apontadas? As crianças, realmente, apresentam os problemas apontados? Os problemas citados podem ser considerados causadores do não-aprender?

A pesquisa em questão foi realizada em nove escolas municipais da rede de educação de Campinas. Nessas escolas, foram entrevistadas diretoras e quarenta professoras de primeira série do ensino fundamental, no ano de 1988. Foram entrevistadas, também, dezenove profissionais da rede de saúde.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Faculdade Federal de Uberlândia

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

de, abrangendo médicos, psicólogos e fonoaudiólogos. As entrevistas tinham por objetivo apreender as concepções dos profissionais da educação e da saúde sobre escola, processo ensino-aprendizagem, fracasso escolar, papel dos profissionais e das instituições de educação e de saúde.

As crianças escolhidas para as entrevistas, já haviam passado por várias profissionais de saúde. A seleção não ocorreu aleatoriamente, a autora considerou três categorias: biológica, emocional e da imaturidade, que foram citadas pelos professores como causa da não aprendizagem das crianças. O contato que a pesquisadora realizou com essas crianças destinava-se a investigar se realmente existia uma doença e se ela poderia ser considerada responsável pelo não-aprender.

Participaram da pesquisa setenta e cinco familiares de crianças que não aprendem na escola. A esperança de soluções para os problemas vivenciados, no caso o não aprender das crianças-desloca sujeitos sociais que se submeteram ao ritual da consulta, da anamnese, da memória, que expõe e mostra representações. Segundo Moisés, as crianças já eram marcadas pelas reprovações e pelos preconceitos em circulação na sociedade e na escola.

De acordo com a autora, a escolha das crianças que seriam avaliadas clinicamente, em um centro de saúde, foi baseada nas entrevistas com os professores. O primeiro critério foi englobar as três categorias já citadas. Em cada categoria, foram selecionadas as crianças sobre as quais as falas das professoras fossem as mais expressivas; outro critério foi incluir crianças de nove escolas. Preenchidos tais critérios, tentou-se incluir crianças de todas as salas de aula. Inicialmente, foram selecionadas oitenta crianças.

Segundo Moisés, das setenta e cinco crianças, todas as famílias levaram seus filhos para a consulta médica. Cada consulta demorou, aproximadamente, duas horas. Para muitas crianças, a avaliação não foi possível em apenas uma consulta, sendo marcados retornos, sempre que houve necessidade de aprofundar a avaliação. A consulta realizada incluía todos os passos clássicos de anamnese e exame físico. Entretanto, foi dada ênfase especial na recuperação da história de vida da criança: sua história de desenvolvimento neuropsicomotor e cognitivo; nas relações da criança e de sua família com a instituição escola; nas expectativas e opiniões sobre o fracasso escolar, assim como em suas repercussões sobre a criança e a família. Também se tentou recuperar os caminhos já percorridos pelas crianças no sistema de saúde, a partir de sua não-aprendizagem, com diagnósticos, procedimentos, tratamentos e resultados.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

Em vez de buscar a irregularidade, a carência da criança, a autora procurou ver o que elas já sabiam, o que tinham e o que poderiam aprender a partir daí. O trabalho com as setenta e cinco crianças, consultando uma a uma, conhecendo-as, entrando em contato com as particularidades de sua vida, com o modo pelo qual reagem aos rótulos e preconceitos, foi extremamente doloroso para Moisés. Para ela, a consulta médica não constitui instrumento objetivo ou neutro. Sua riqueza reside, exatamente, na subjetividade, elemento inerente e indispensável nas relações entre as pessoas.

Ela vê a consulta como uma relação específica de busca de conhecimento entre dois sujeitos. Por isso, neste trabalho, em nenhum momento a autora realizou consultas e avaliações que prescindissem da subjetividade. Percebe-se que o pressuposto essencial de seu trabalho foi olhar cada criança como sujeito inteiro, como uma totalidade que se inscreve em outra totalidade, o coletivo, da qual ambas fazem parte.

A autora organizou seu trabalho em oito capítulos. Nos três primeiros, apresenta a estrutura de sua tese ao longo de todo percurso, mostrando a médica em suas três faces ou na vivência das três dores: a médica que registra queixas e diagnóstico; a médica filosófica que se expressa por intermédio de Foucault e Baltanski e a médica dionisíaca, que fala por meio das canções.

Constrói seu texto de forma a seduzir o leitor, abrindo espaço para uma polifonia de vozes. Falam as professoras, as mães, os pais e todas as crianças que participam da pesquisa. É desta maneira que ela caminha por todo o seu trabalho. Falando de sua dor, no decorrer da pesquisa, ela explica o surgimento da médica dionisíaca, que encontrou na arte (músicas) um mecanismo de aliviar seu desgaste emocional quando se deparava com a história de vida das crianças.

No quarto capítulo, a autora tenta explicar e justificar as desigualdades entre as crianças por meio de instrumentos como: a escola, a consulta, os exames, os testes e o racismo, que condenam as crianças que não aprendem na escola. Faz uma análise das estruturas excludentes, dos processos e procedimentos escolares, demonstrando, inclusive que a exclusão escolar não é um fenômeno recente.

Moisés explica o processo de medicalização da aprendizagem e do comportamento como um processo em que a medicina coloca-se como sendo capaz de resolver os problemas que afligem a sociedade. Descreve os procedimentos de exames, especialmente do eletronefalograma e da radiografia de crânio, que são, para os pais, professores e outros pro-

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

fissionais instrumentos privilegiados para o entendimento dos motivos que fazem com que uma criança não aprenda na escola. Mostra que esses exames são solicitados por problemas na esfera de comportamento e de aprendizagem escolar. Faz uma crítica ao uso de instrumentos tradicionais e aos testes padronizados, que só têm servido para classificar e rotular como incapazes crianças absolutamente normais.

Nesse quarto capítulo, Moisés admite que existe um auto de acusação da criança que é geralmente omitido: o racismo. A maioria das crianças que não aprendem na escola são oriundas das classes populares e são negras. Para a pesquisadora, é difícil separar as análises sobre testes de inteligência e racismo, pois, segundo ela, olhando para esses testes, é fácil perceber o movimento de fluxo e refluxo do ideário racista.

Nos três capítulos seguintes, o quinto, o sexto e o sétimo, a autora retoma os modos históricos de construção do olhar clínico. Apoia-se nos referenciais teóricos de Foucault e Boltanski, refere-se a eles como seus companheiros de viagem. Guiada por eles recupera a história da “medicalização” e dos processos disciplinares: punição corporal e exercício do poder.

Mostra que o olhar clínico simboliza um olhar que sabe e decide, portanto, pode reger. Para constituir-se como tal, precisa aprender a ver, isolar, reconhecer diferenças e semelhanças, agrupar classificar. Esse olhar clínico, com toda sua racionalidade e objetividade, debruça-se sobre a aprendizagem e a transforma em um elemento constituinte de um corpo biológico a ser silenciado. Segundo Moisés, o discurso médico apregoou a existências de crianças incapazes de aprender, a menos que sejam submetidas a uma intervenção médica.

A autora aprofunda-se na análise histórica dos processos de construção e aplicação de testes psicológicos, de constituição de doenças e de definições de deficiências que geraram todas as condições para institucionalizar o olhar sobre a não aprendizagem. Descreve a história das formas de institucionalização e faz um resgate histórico sobre os processos disciplinares na sociedade ocidental, para quais a norma é essencial, pois todo o poder disciplinar será exercido pelo poder da norma.

Afirma, ainda, que o olhar clínico em si constitui um dos pilares das sociedades disciplinares, ao mesmo tempo em que é um de seus instrumentos. Mais do que nunca ainda o olhar que sabe é quem diz e porque sabe rege; seu poder normativo é reconhecido a tal ponto que não precisa nem mesmo ser posto sobre os indivíduos para que se sintam anormais, desviantes.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

No oitavo e último, capítulo a autora constata, mais uma vez na história recente da pesquisa educacional, que todos, independentemente de sua área de atuação e/ou de sua formação, centram as causas do fracasso escolar nas crianças e suas famílias. A instituição escolar fica praticamente isenta de responsabilidades. A escola, os sistemas escolares são sistematicamente relegados a planos mais que secundários quando se fala sobre as causas do fracasso escolar.

A autora discute que, do mesmo modo que todos referem causas centradas na criança, todos referem também problemas biológicos como causas importantes do não-aprender na escola. Na opinião de muitos profissionais, os problemas de saúde das crianças constituem-se em uma das principais justificativas para a situação educacional brasileira. Na concepção dos profissionais ouvidos, sejam da educação ou da saúde, saúde e doença emergem como estados absolutizados, sem modulações e sem mediações.

Segundo Moysés, em nenhuma das crianças pesquisadas apontaram-se causas de ordem pedagógica. Para os professores, as causas de as crianças não-aprenderem na escola são externas à instituição escolar, devendo ser buscadas na criança e em sua família.

Assim, o deslocamento de uma questão institucional e política para o plano individual pôde ser percebido tanto nos momentos em que se abordavam questões educacionais em um plano mais amplo e genérico, como quando se falava de uma criança em particular. Também, destacam-se as causas de ordem biológica para o não aprender, para a maioria das crianças apontadas como reprovadas ao final do ano, a justificativa era alguma doença que, na opinião da professora, impedia ou dificultava sua aprendizagem.

A autora constatou que boa parte das causas apontadas para o não aprender situa-se no campo de saúde/doença, com grande ênfase em aspectos biológicos, com destaque para a desnutrição e as doenças neurológicas.

Ao final de sua pesquisa, Moysés constatou que das 75 crianças, 71 não apresentou qualquer indício de problema, físico, emocional ou intelectual, inerente a elas, que pudesse comprometer sua aprendizagem. Quase todas têm problemas de saúde, previsíveis, segundo o perfil e morbidade de sua faixa etária e suas condições de vida. O maior índice desses problemas, como acredita Moysés, talvez fossem mais bem definidos como problemas de vida, dificuldades no modo de andar pela vida, do que propriamente como doenças.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem na escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

As quatro crianças restantes destacam-se no grupo por uma característica especial. Em três delas, a incorporação do estigma de doentes / incapazes era tão intensa que não se pôde destacar, com segurança, a associação de algum grau de retardo de desenvolvimento. Incorporaram a doença e já não eram mais crianças normais estigmatizadas; eram crianças doentes. Para essas três crianças, é imprescindível o atendimento psicológico, tanto para o diagnóstico como para a terapêutica.

A quarta criança distinguiu-se de todas as demais: muito tensa, com vários medos, apresenta, desde antes de iniciar a escolarização, dificuldade nos relacionamentos. É uma criança que, na fala da autora, necessita, com urgência, de tratamento psicológico, não pelo não-aprender, mas pelo viver tão sofrido.

Moisés acredita que essas quatro crianças necessitam de atenção especializada no sistema de saúde. Porém, não há vagas para elas. Seu lugar tem sido destinado, prioritariamente, para crianças normais que não aprendem na escola. Elas lotam vagas, agendas e filas de espera.

As outras setenta e uma crianças são normais, culpadas por não aprenderem na escola. Apresentam um desenvolvimento neuropsicomotor e cognitivo compatível com o que se convencionou como normalidade; em algumas, o desempenho cognitivo é superior a esse padrão. Entretanto, seu desempenho traz em si as marcas de sua inserção social, impregnado dos valores de sua pertença social. Valores e expressões que não são reconhecidos, são desvalorizados e deslocados para um plano de inferioridade.

De acordo com Moisés, cada criança parece repetir e reafirmar a história de escolarização de seus pais e irmãos mais velhos, uma história de exclusão e estigma. Expropriadas de sua normalidade, incorporam a doença e a incapacidade. Não sabem ler, por isto, devem ser pouco ou nada inteligentes; feias, fracas, burras, assim se vêem. Chegam a verbalizar o medo de serem internadas por não saberem ler e escrever, pois acreditam que só assim poderão aprender.

Todas as crianças, segundo Moisés, são absolutamente normais. Crianças normais que vão-se tornando doentes. Até que doentes, necessitam de atendimentos psicológico, não por não-aprender, mas pela vida estigmatizada, pela incapacidade introjetada. Um tratamento que lhes devolva a normalidade, da qual foram privadas, pela escola, pelas avaliações médicas, psicológicas, fonoaudiológicas, que se propuseram a ver o que já se sabia que elas não sabiam.

Moisés percebeu que a maioria dessas crianças já desistiram .

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. ***A Institucionalização Invisível: Crianças que não aprendem- na- escola***. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2001.

---

Introjetam o rótulo, a incapacidade e a doença. A desistência pode ser percebida em suas posturas físicas, submissas ao mundo. De diferentes formas, em diferentes intensidades, as setenta e uma crianças estão institucionalizadas em uma doença imaginária, doença que acreditam impedir que aprendam na escola.

O livro de Moisés é uma crítica contundente ao olhar clínico que institucionaliza a aprendizagem. A autora faz uma ruptura epistemológica com o saber instituído no momento em que propõe novas formas de olhar para as crianças e se propõe a ver as crianças em sua individualidade e na sua totalidade, como sujeitos históricos, que têm direitos a serem respeitados.

É uma obra importantíssima, não só para professores ou pesquisadores da área de educação. Mas, sobretudo, para médicos e psicólogos que insistem em práticas que levam a “medicalização” da aprendizagem. Este livro foi construído para profissionais da saúde que crêem na existência de crianças incapazes de aprender, a menos que submetidas a uma intervenção especial, seja médica ou psicológica.